



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

JOELMA CRISTINA GOMES

(depoimento)

2017

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-762

Entrevistada: Joelma Cristina Gomes

Nascimento: não informado

Local da entrevista: Belo Horizonte

Entrevistadora: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 27/04/2017

Transcrição: Ian Massumi Carneiro Ogawa

Copidesque: Pamela Siqueira Joras

Pesquisa: Pamela Siqueira Joras

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 38 minutos e 12 segundos

Páginas Digitadas: 13

Observações:

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação; Envolvimento com o lazer; Atuação no Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC) e no Programa Vida Saudável (VS); Função de formadora; Diferenças entre PELC Urbano Todas as Idades e Vida Saudável; Regiões nas quais atuou; Temática preferida; Impacto das formações; Últimos registros.

Belo Horizonte, 27 de abril de 2017. Entrevista com Joelma Cristina Gomes a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Então vamos começar. Primeiro, muitíssimo obrigada por se dispor, depois de um dia tão exaustivo de trabalho, de conversar com a gente e eu queria que você começasse contando qual a sua formação?

J.G. – Primeiro queria colocar o reconhecimento da importância do trabalho de vocês. A memória realmente é um dos aspectos que a gente precisa garantir dentro de toda ação, não só governamental e de políticas públicas, mas realmente todas as iniciativas, porque é através da memória que a gente pode ressignificar o nosso presente. A gente pode ter as nossas referências e saber que nós viemos de algum lugar e a partir disso, a gente poder ter mais claro para onde partiremos e com quem partiremos e de que forma faremos isso. Bem, a minha formação é em Educação Física. A minha Licenciatura é a Licenciatura Plena. Me formei na universidade pública estadual na minha cidade, na ESEFFEGO¹ no ano de 1999. Essa foi a minha graduação. As minhas pós-graduações: a primeira, na verdade foi concomitante, eu fiz duas formações de pós-graduação. Após a minha formação acadêmica, uma foi na área da terapia, eu sou arte-terapeuta, e o outro foi na área de Ciências Sociais, na Antropologia Social, na verdade. Meu mestrado é na Ciências da Religião, onde eu analisei o corpo dentro dos rituais do candomblé, que é uma das nossas... É a única religião tradicionalmente brasileira e eu estava em busca dessa identidade, desse corpo dentro dessa visão do sagrado. Depois eu fiz uma formação de Gestão em Relações Humanas e agora eu estou começando uma Especialização na área da Gerontologia que, atualmente, eu atuo mais na área de envelhecimento.

C.M – Seu trabalho é em Goiânia, né?

J.G – Isso. Eu tenho em Goiânia dois trabalhos, na verdade são três. Dois na área de lazer e da educação. Eu sou funcionária pública, sou servidora pública no município de Goiânia, na agência de turismo, eventos e lazer. Eu coordeno e sou a pessoa que desenvolve as

¹ Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia do Estado de Goiás.

atividades dentro de um núcleo em um bairro específico da cidade. Eu faço parte de um grupo de professores que atua na cidade toda em núcleos específicos, em bairros específicos. Hoje nós desenvolvemos dois grandes programas: o Vida Ativa e o Caminhando com Saúde. Eu também sou professora, continuo professora na escola e no ensino médio. Hoje eu também ministro aula de yoga para alunos de quatorze a dezesseis anos que estão se preparando para entrar na vida da graduação, então, um período da vida muito conturbado e eu trabalho dentro dessa lógica da saúde, da saúde integral, dentro da escola essa é a minha abordagem.

C.M – E como que você se envolveu com a temática do lazer?

J.G – A temática do lazer veio para mim quando eu entrei dentro... Fiz essa seleção lá em Goiânia que, na verdade, era para a área da saúde, não era especificamente para o lazer. E depois desse concurso nós fomos absorvidos por essa, até então... Dentro dessa perspectiva do lazer, eu sempre trabalhei, sempre gostei muito de trabalhar com comunidades, dentro de todos os meus estudos eu sempre trabalhei com política pública. Desde a universidade eu trabalhava nas ruas de lazer do município, viajava para o interior ministrando as ruas de lazer nas comunidades e depois eu fui para essa agência e estou dentro do PELC² desde 2006.

C.M – E como que você se envolveu com o PELC?

J.G – Eu tenho uma amiga que faz parte do Programa e eu conheci o Programa por meio dela, quando ela era formadora. Aí teve uma seleção, eu entrei nessa seleção. Nós éramos um grupo de oitenta e oito formadores, isso em 2006, 2007, 2008. Não me lembro, não consigo me lembrar efetivamente a data e fiquei até 2010, quando houve uma mudança dentro da lógica do PELC que seria gestada agora pela universidade, que daria essas diretrizes pedagógicas, coordenaria. Daria uma nova cara para esse Programa, sistematizaria esses conhecimentos e toda forma, tanto metodológica, didática e também dos trâmites burocráticos em parceria com o Ministério³. Nessa seleção eu não pude participar porque eu estava com uma viagem já programada para o exterior onde eu ia

² Programa Esporte e Lazer na Cidade

³ Ministério do Esporte.

apresentar um trabalho, uma pesquisa de campo que eu fiz dentro da universidade. Dei aula treze anos na universidade, na ESEFFEGO, e o meu trabalho foi aprovado no congresso internacional e aí eu não podia deixar de ir nessa viagem. Então eu não fiz essa seleção de 2010 e depois houve uma nova seleção em 2012 e foi quando eu regressei para o programa.

C.M – E quais atividades e funções você tem exercido no PELC?

J.G – A minha atividade desde o início, desde quando eu integrei a equipe do Programa, foi como formadora. Em nenhum momento eu assumi outra atividade dentro do Programa.

C.M – E, bom, enquanto formadora, qual é a sua função? Em suas palavras. [riso]

J.G – A nossa função é bastante complexa, porque quando a gente sai das nossas realidades específicas e viajamos, entramos na realidade de um município que, muitas das vezes... Inclusive uma característica do Programa é que a gente alcance comunidades que não tem, que foram negados ou negligenciados o direito ao esporte e ao lazer. A gente realmente conhece realidades muito diferentes das nossas não é só a Joelma pesquisadora, não é só a Joelma intelectual, não é só a Joelma que faz parte de um grupo de pensadores do programa que está lá naquele momento. Eu acho que é uma fusão, é um espectro, de Joelmas que estão lá porque a gente precisa estar atento para o verbal, para o não verbal, para a cultura local, para a forma de ser daquela comunidade, de como eles funcionam, o que está por trás dos discursos. Eu acho que quando a gente vai para as formações, além de disponibilizar todo o nosso conteúdo teórico que dá suporte ao Programa, a gente precisa também ver com um olhar acessível para as realidades locais. Porque a nossa presença lá, dentro dos quatro módulos que são as quatro visitas institucionais que nós fazemos nas comunidades, se a gente não consegue fazer um vínculo de confiança, de entrega, de acolhimento, de dizer: “Olha, nós somos parceiros, cada um aqui tem uma função específica que é intransferível”. Dentro dessa lógica desse resgate, desse direito social ao acesso ao lazer, se a gente não colocar o melhor de nós, a nossa qualificação tanto quanto profissionais, cada um com seus saberes. Eu gosto de utilizar saberes, porque nós temos pessoas que não tem formações acadêmicas dentro dos grupos, de agentes sociais, e isso enriquece bastante o trabalho porque essa diversidade também dá uma cara diferente até

para toda a prática, e a prática e a funcionalidade do Programa, a própria forma de eles poderem desenvolver a proposta pensada por uma academia, pensada por uma instituição. Essa transposição de linguagens, você aproximar eles dessas realidades, você trazer exemplos, trazer o conhecimento, o saber que eles têm acumulado, esse respeito por esse saber local, eu acho que isso é fundamental para o sucesso do que a gente deseja, o que a gente espera, o que a gente planeja como sendo esse programa de esporte e lazer nas cidades. Eu acho que, quando a gente vai para essas comunidades, é necessário a gente trabalhar esse olhar sensível, essa nossa humildade de perceber que o nosso saber não sobrepõe ao saber deles, na verdade, eles são complementares. É necessário, muitas vezes fazer essa transposição de linguagens e considerar esse saber popular. Isso eu acho que são características que são extremamente importantes, que estão dentro da lógica do respeito para que nós possamos dar alteridade dos grupos que é uma coisa que a gente tenta preservar dentro das nossas formações.

C.M – E quais as mudanças você percebeu da formação lá de antes de vir para a UFMG⁴? E agora? Você percebeu alguma mudança e quais mudanças você destacaria?

J.G – Primeiro queria ressaltar que as mudanças, elas acontecem para todo o sempre, elas nunca pararam. Isso é uma característica desse processo de construção de uma política pública, mas o que eu percebo de mudança é uma mudança qualitativa. Não só na formulação do Programa, da sistematização dos conteúdos, mas conforme a gente foi capilarizando todas as brechas que nós encontrávamos para que esse Programa fosse estruturado para que ele tivesse essas raízes profundas dentro desta permanência, nós estamos fazendo agora quatorze anos de Programa em território nacional. Eu acredito que ele só tem essa durabilidade porque nós conseguimos ressignificar, organizar, sistematizar por meio dessa parceria com a UFMG. Eu acho que isso foi um grande salto para o PELC. Talvez se nós não tivéssemos feito isso, eu tenho minhas dúvidas que, hoje, nós estaríamos ainda disponibilizando para a sociedade essa política pública. E hoje, a gente pode perceber que o Programa, antes ele era só as formações, o Programa se definia em três formações: o Módulo Introdutório, AV1⁵ e AV2⁶. Depois, com todas as demandas e os

⁴ Universidade Federal de Minas Gerais.

⁵ Módulo de avaliação I.

⁶ Módulo de avaliação II.

encontros de formadores, nós fomos percebendo que era necessário dissolver essa carga horária para que nós pudéssemos ter intervalos menores para acompanhar esses convênios. Passamos para Módulo Introdutório I e II, depois AV1 e AV2, mais a visita pedagógica no intervalo desses Módulos Introdutório II para o AV1. E agora a gente está conseguindo, cada vez mais olhar para nós mesmos para ver onde a gente ainda está falhando, aonde que o programa ainda pode melhorar e nós entramos com EAD⁷. Agora a gente, dentro do Ministério, esse diálogo que a gente começou a estabelecer junto com a coordenação pedagógica, coordenação técnica antes da gente ir para o módulo. Esses processos dos tutores, agora a gente está com essa sugestão dos tutores acompanharem a gente dentro dos processos de formação para a gente realmente alinhar essas discussões conceituais do programa. A gente também conseguiu esse grupo de formadores junto com os tutores alinhar alguns conceitos que norteiam o Programa, a gente conseguiu esclarecer as diretrizes, e com isso fomos vendo algumas outras demandas e aí entra o centro de memória. Nós estamos produzindo muita coisa, nós precisamos resguardar isso, nós temos já uma trajetória, porque quando a gente faz história, a gente precisa garantir que essa história seja contada depois, porque a gente não tem que ficar inventando a roda, a gente tem que se preocupar muito com esse legado que nós estamos traçando para esse país. A formação de formadores, o Centro de Memória⁸, tem outras outras coisas também que eu não estou me lembrando no momento, mas a gente tem construído, dentro de uma perspectiva de rede, a gente construiu uma rede para que nós possamos dar esse suporte necessário para que a política possa, cada vez mais, estar alinhada para conseguir garantir, que é o nosso grande desafio, que é a municipalização desse Programa. Por onde ele passar, ele ficar, e a gente ainda não tem alcançado isso por outras questões que transcendem a nossa de formadores. Nossa função de formadores, são as questões políticas, questões do estado financeiro dos municípios, às vezes, a própria mudança de gestão que não se interessa mais pelo o que foi feito na outra gestão: “Vamos desconstruir isso, vamos construir algo com a nossa cara”. Enfim, toda essa cultura da política brasileira também influencia. Claro, nada está desvinculado de tudo. Então eu percebo que tudo isso, a gente tem conseguido caminhar bastante, essa contribuição da UFMG, com esse grupo de professores-doutores que estudam essa temática do lazer, do esporte, da cultura, do envelhecimento, autogestão, tudo isso tem qualificado muito o programa.

⁷ Educação à Distância.

⁸ Centro de Memória do Esporte.

C.M – Você trabalhou no PELC Urbano Todas as Idades, e trabalhou também no Vida Saudável, polos tradicionais?

J.G – Sim, eu já desenvolvi formações nas três modalidades do PELC.

C.M – E quais as diferenças básicas que você abordou nessas três dimensões?

J.G – Quando a gente vai falar... Na verdade, quando nós começamos a trabalhar como formadores em 2006, ele era o PELC, PELC Todas as Idades, esse era o nosso Programa. E depois nós começamos a perceber que existiam grupos sociais que precisavam de conteúdos específicos, porque aquilo dava harmonia para o grupo, esse grupo tinha um status quo que era diferente. A gente precisava perceber isso e eram programas que precisavam ter diretrizes diferentes. Desde então a gente começou a pensar nisso, amadurecer essa ideia porque toda mudança gera muito transtorno, inclusive para nós formadores, porque também mexe com todos os nossos conteúdos. Nem todo mundo tem habilidades para trabalhar com essas especificidades dos três Programas. Nós permanecemos com o PELC Todas as Idades e depois PELC Comunidades Tradicionais. E o PELC Vida Saudável que é específico para pessoas em envelhecimento, pessoas envelhecidas dentro da constituição brasileira que determina a idade de sessenta anos e ele ficavam dentro, o PELC Todas as Idades, eram todas idades *mesmo!* Houve uma necessidade de a gente começar a discutir o envelhecimento, que não dava pra ser esse conteúdo, precisava ser um pouco melhor trabalhado, nós temos os três Programas. Quando nós vamos programar os nossos conteúdos, na verdade, a gente conseguiu um avanço grande e eu acho isso maravilhoso porque facilitou o nosso trabalho, a sistematização dos conteúdos de cada módulo e de cada Programa, a gente tem isso hoje nas nossas diretrizes então facilita bastante. Tem algumas coisas que são comuns, que são alguns temas geradores e característicos do Programa e tem outros que são bastante específicos, como por exemplo, juventude e violência. A gente trabalha muito isso dentro do PELC, hoje que é o PELC Urbano. Ele não tem mais o mesmo nome, ele teve uma mudança devido ao Vida Saudável, então, juventudes e violência a gente trabalha muito no PELC Urbano. Quando a gente vai para o envelhecimento, a gente trabalha especificamente conteúdos que abordam essa questão, as questões gerontológicas,

prevenção de quedas, esse empoderamento do idoso. Quais são os conteúdos que são necessários que sejam trabalhados para manter essa qualidade de vida desse idoso? O resgate desse conceito do lazer para ele que, muitas vezes, foi negligenciado durante toda a trajetória dele, então a gente foca basicamente nisso, basicamente não, a gente foca nisso. E o programa Comunidades Tradicionais, a gente trabalha com identidade cultural, daí não tem como a fugir do tema *cultura*. A gente poder trabalhar essas questões da memória, do legado, das tradições, das suas práticas corporais identitárias, enfim, cada Programa tem alguns conteúdos que são específicos e têm conteúdos que fazem parte, eles são transversais nas três modalidades do Programa.

C.M – Eu pulei uma pergunta, eu vou voltar nela. Você teve alguma preparação para ser formadora?

J.G – Em preparação no sentido da instituição Ministério?

C.M – Isso, do Ministério e depois, no caso, da UFMG.

J.G – Mas desde quando?

C.M – Desde quando você entrou. [risos]

J.G – Desde quando entrei [risos]. A gente tem constantemente os nossos processos de aprendizagem que eles são pelas formações de formadores uma vez por semestre, são dois encontros anuais, já tivemos também alguns encontros regionais, hoje nós somos divididos nas cinco regiões, não que nós fiquemos apenas atendendo as demandas das regiões na qual estamos divididos, mas a gente procurou se organizar dessa forma até para ficar mais fácil. Foi-se criado a figura do articulador, que esse articulador é como se fosse um aglutinador desses formadores. Ele que nos auxilia, que na verdade são formadores também, a gente faz o rodízio desses formadores como articuladores e temos também o EAD⁹ que também é um processo formativo. Eu estou na minha segunda disciplina de EAD, que eu senti uma necessidade de me aproximar desses conteúdos do EAD porque

⁹ Educação à Distância.

quando eu vou para as minhas formações eu sempre falo: “Vamos fazer o EAD, vamos né?” E eu nunca nem tinha entrado na plataforma. Eu gosto muito de falar daquilo que eu faço, então ficava um pouco distante para mim? Hoje esse é outro processo formativo que eu busquei fazer e que são as nossas vídeoconferências. De tempos em tempos, a gente tem as vídeoconferências, às vezes, por regionais, às vezes o grupo todo, para poder dar conta de alguma demanda. Faz alguma vídeoconferência com algum autor sobre algum tema, geralmente isso é uma demanda que sai dos nossos processos de formação para que a gente... A gente sai daqui com a cabeça quente, cheio de ideias, desafios, interrogações, aí nós vamos para casa, esfriamos a cabeça, escutamos um teórico que vai trazer uma experiência para a gente, e aí vai clareando. Foi assim durante todo o processo de formulação do Programa que a gente tem hoje. Sempre começou por esses processos formativos, isso a gente teve desde o começo do Programa. Para você ser formador, você precisa necessariamente participar desses processos de formação que o Ministério oferece.

C.M – Agora eu queria que você falasse sobre o seu processo, quando você vai para o núcleo fazer a formação. O que você tem trabalhado lá no núcleo? Como que é a formação? Como que você ministra essa formação? Que cada formador também acaba dando seu toque.

J.G – Ai meu Deus! Essa pergunta é difícil, porque é tão difícil falar da gente?

C.M – É!

J.G – Do que a gente faz cotidianamente. Eu trabalho muito dentro da lógica de que eu vou falar de algo que é desafiador para aquele grupo porque geralmente é uma comunidade, são pessoas da comunidade e que por trás daquilo pode ter um jogo político. E que pode ser positivo ou negativo ao longo do processo. Essa é uma parte que como professora e formadora, que mais me incomoda dentro desse processo do PELC, porque a gente vai qualificando... Quando a gente chega no Módulo Introdutório I que a gente vê as pessoas, começamos a estabelecer um vínculo porque aquelas pessoas, muitas das vezes, podem cair de paraquedas, mas ao longo do processo de formação elas vão se integrando, elas vão sendo contagiadas pela lógica do direito social, pelo pertencimento. Dessa coisa do lazer, da alegria, da vivacidade da comunidade, de trazer esse resgate, de todas essas práticas. E

elas vão sendo contagiadas sobre isso que a gente vai falando. Elas mesmas tiveram suas práticas de lazer. Acaba sendo uma novidade, ou ela não teve acesso a um conhecimento sistematizado. É uma pessoa da comunidade, é um artesão da comunidade, é o técnico do time de futebol da cidade que desde criança ele foi o líder da cidade e depois virou o técnico, ele é um líder comunitário. Lidar com essas diferentes personalidades é o que torna o Programa muito rico e exige de você, formador, que você saia desse lugar do detentor de saber. Eu vou com uma missão, uma tarefa, de passar esse recado institucional, mas a formação transcende isso, a formação é muito mais que isso. Primeiro que a gente está lidando com pessoas de diferentes realidades, diferentes trajetórias, e dali em diante a gente tem uma diretriz, tem um princípio que nos une, que deve nos unir, porque é um programa que tem isso. E nós vamos colocando, dentro dessa roda, os nossos saberes, os nossos conhecimentos acumulados? Meu jeito de atuar dentro das comunidades é bem dentro dessa lógica de reconhecer os saberes locais, promover essa troca de conhecimento, esse respeito mútuo, a garantia que todos possam falar, a garantia que todos possam colocar as suas ideias. Eu gosto de deixá-los muito à vontade dentro do processo de formação porque o programa quem vai realizar é realmente a comunidade. A minha contribuição de três dias não vai definir o que vai acontecer. Eu posso ajudá-los a delinear, mas a trajetória deles até chegarem nesse momento da gente ter esse encontro na formação é muito forte, eu preciso trabalhar dentro de uma realidade local e dentro dessa realidade local, eu ir dialogando com eles, mostrando a importância, mostrando que é possível, colocando possibilidades, dando ferramentas, para que eles possam, por meio dos módulos de formação, introjetar, perceber que é possível eles absorverem aquilo e fazerem com a comunidade. Essa tem sido a minha estratégia porque, eu acho, que chegar em uma linguagem acadêmica, fazer uma discussão muito intelectual, isso não chega muito, isso não transforma. Primeiro a valorização do que eles têm, a valorização do que eles me apresentam e a partir daí a gente construir. O que a gente chama de prática social? A gente vai construindo isso, vai dando segurança, isso proporciona uma entrega. E eles passam a colocar à disposição melhor do que eles podem fazer, tem sido essa a minha estratégia para que o comprometimento, compromisso, ele possa estabelecer de uma forma que não seja só apenas, institucional, mas que seja da pessoa porque é possível que a gente consiga alcançar o sucesso do que a gente precisa, que é importante, que é o acesso ao direito, ao lazer e ao esporte na comunidade.

C.M – Quais regiões você tem atuado?

J.G – Eu não fui ao sul, eu não fiz nenhuma formação no sul e nem no norte. No norte eu também não fui. Minha região é centro-oeste, nordeste principalmente, vários núcleos no nordeste e sudeste.

C.M – Bom, nas suas formações, você tem alguma prática ou alguma temática que seja, assim, sua... Que você tenha algum carinho maior, ou seja, sua preferida ou você faça questão de sempre levar para os núcleos?

J.G – Tenho três que acho que são muito característicos da minha formação, da minha trajetória. Uma são as danças circulares, que são as danças de todos os povos, que eu acho que trabalhar com a cultura por meio da dança. Eu gosto muito, isso une o grupo porque é possível ser realizada, então eu parto dessa lógica para eles. Falo que a gente tem muito poucas novidades no planeta, que na verdade nós somos seres humanos, isso nos une. Eu gosto de trabalhar com a dança porque são danças simples e tratam da cultura, conta história daquela dança, a importância dela. A outra dança sênior é um conteúdo recente que eu tenho me apropriado devido ao meu estudo na área da gerontologia. Eu tive esse conhecimento, fiz a primeira formação que foi o curso Básico I e hoje eu posso ser condutora de grupos de dança sênior, aplico essas danças sênior. Existem danças sentadas, danças em pé, então isso me dá um repertório bom, bacana, para poder trabalhar. E o outro são os jogos cooperativos que eu trabalho muito como exercício de convivência para trabalhar justamente esse lado RH¹⁰ do grupo. Quando a gente vai abordar o planejamento participativo, para eles entenderem que a liderança é circular, de que a gente precisa ter uma escuta inclusiva, para que eles possam ser trabalhados, né, como uma equipe, para que eles possam se ver como um time, cada um ter suas responsabilidades, que ela é intransferível e que é importante ter esse diálogo, mas é um diálogo que ultrapassa só o falar e o ouvir; é uma escuta inclusiva, eu entender realmente o que o outro fala, prestar atenção e daí em diante partir para esse diálogo que possa integrar e sair dali umas proposições. Isso tudo, eu acho, que são características específicas da Joelma, devido as minhas formações, devido a minha formação em Arte-Terapia, em Gestão de Relações

¹⁰ Recursos Humanos.

Humanas. Então eu gosto sempre de ver o trabalho de formação não só como a capacitação técnica ou conceitual, mas também trabalhar a gestão do grupo, né? Dos coordenadores, junto com o controle social, junto com os agentes sociais para que eles possam perceber que, na verdade, o programa só vai rodar redondinho se cada uma dessas esferas representativas elas funcionarem. Então acho que essa é a característica primordial, assim, da Joelma.

C.M – E, bom, agora mais uma parte assim das suas percepções e opiniões sobre o Programa. Como que você acha que essas formações têm impactado nos núcleos e para o programa geral? Se tem impactado...

J.G – Peraí, faz a pergunta de novo, achei tão complexa essa pergunta. Meu Deus, não sei nem se eu sei responder.

C.M – Como que você percebe o impacto da formação?

J.G – Os módulos de formação ou a formação dos formadores?

C.M – A formação lá no núcleo tem impactado no Programa e na atuação dos agentes, nas discussões mais gerais...

J.G – Ah não, é fator, eu acho que uma das... Esse é o pilar principal do Programa segundo formar gestores locais de esporte e lazer, mas o principal é esse processo formativo sistematizado que nós temos no Programa e isso, inclusive, é um reconhecimento de outras políticas públicas. Essa é uma característica muito forte do PELC e a gente tem buscado cada vez mais qualificá-la e isso dá um suporte para que durante todo o processo de conveniamento do convênio, ele possa estar suportado por uma equipe, não só o formador, mas equipe técnica do Ministério, a equipe pedagógica, a própria equipe do EAD. Então eu entendo o processo formativo, não só como o processo de formação do formador nos módulos, porque a gente tenta manter esse diálogo de todos esses setores que atuam nesse Programa, porque nós não detemos todas as informações. Nós cuidamos da parte pedagógica do Programa, só que quando a gente está lá no processo de formação e nós somos a cara do Programa. Os formadores são o Ministério, a personificação do

Ministério, e na verdade nós não somos o Ministério. Então, quando esse processo de formação em que nós vamos lá quatro vezes, estamos junto com a comunidade... Quatro vezes, momentos diferentes no andar do conveniamento, do convênio, e a gente vê, percebe que eles vão superando as dificuldades, vão progredindo. Uma das alegrias é a gente perceber, por exemplo, que os agentes sociais buscam esses cursos superiores de Educação Física. Em três localidades, pessoas da comunidade que tinham, foram para o Programa mas eram de outra área, pelo fato de estar atuando no Programa sentiram a necessidade de se qualificar e buscaram curso superior. Então isso a gente vai: “Fiz a tarefa né? Cumpri a tarefa que a gente precisava”. Quer dizer, nós estamos fazendo com que essa comunidade, ela se aproprie desse conhecimento, essas pessoas possam qualificar, não só o atendimento dentro do Programa, mas para a cidade porque esse bem vai ficar lá na cidade. O Programa vai passar e essas pessoas vão permanecer com esse conhecimento adquirido por meio do Programa. Então, para mim, os processos de formação dentro da comunidade dos formadores extremamente... É o pilar, assim eu acho do Programa e juntamente nós conseguimos avançar com essa parceria com a UFMG. A gente conseguiu olhar para nós mesmos e avançar dentro dessas outras estruturas que a gente está conversando aqui que é o EAD, é o Centro De Memória, é a Rede Cedex¹¹ que também tem... Cresceu apoiando, eu tenho as publicações, publicações dos próprios formadores, de outros teóricos que também falam sobre as temáticas e isso vai nos dando suporte para a gente qualificar cada vez mais as nossas discussões dentro dos grupos. Então, para mim, esse é o fator que diferencia o Programa dos outros.

C.M – Joelma, tem mais alguma coisa que você gostaria de registrar ou de dizer sobre o programa, sobre essa sua experiência?

J.G – Então, eu acho que ser formadora do Programa PELC, Vida Saudável e Povos e Comunidades Tradicionais é, assim, um privilégio. Eu tenho isso como um grande presente porque nem todas as pessoas tem a possibilidade de conhecer diferentes realidades que estão aí colocadas dentro do nosso próprio território nacional. A gente não precisa nem ir para outra nacionalidade, tem tantos “Brasis” dentro do Brasil que a gente nem consegue, assim, numerar. E o fantástico de tudo isso que, apesar de todos nós sermos brasileiros, a

¹¹ Centro de Desenvolvimento do Esporte Recreativo e do Lazer.

gente tem particularidades, peculiaridades, costumes, comidas, estilos, formas de organização social, geometria da cidade, danças, enfim, são tantas as características específicas da população brasileira que é sempre uma troca rica e isso eu acho que é um trabalho antropológico, etnográfico. Então nesse ponto, eu acho que a gente transcende os nossos conteúdos que é o esporte e o lazer. Que quando a gente vai para essas comunidades, a gente tem esse privilégio de lidar com isso e se aproximar dessas pessoas que estão lá nessas comunidades e que geralmente são pessoas que já trabalham com as comunidades, são pessoas que já tem essa trajetória dentro da educação popular, da gestão participativa. Então é uma via de mão dupla, a gente acaba aprendendo muito, por isso que hoje dentro das nossas formações, nossos doutorados, mestrados, do grupo de formadores, a grande maioria está linkado com o nosso trabalho no PELC porque são tantas as nossas inquietações e são tantos os presentes que a gente recebe... Como os conteúdos das nossas presenças nessas comunidades que a gente: “Poxa é isso? E como que é isso? E como que se dá isso?” E aí acaba virando um objeto de pesquisa. Então deixar isso bastante explícito que essa gratidão por ser formador. E o próprio grupo de formadores reflete o que é o Programa, porque nós somos, cada um, de uma realidade diferente; cada um é de um lugar do país com características próprias, com trajetórias específicas, com buscas diferentes e isso também dá uma diversidade para os próprios processos de formação. E a gente vive nos perguntando: “A gente tem que padronizar? A gente não tem? A gente vai respeitar as nossas diversidades?” Enfim, então é isso que eu queria dizer, dessa especificidade desse programa de ter a diversidade na sua característica primordial dentro da formação da sua equipe até as realidades locais e isso nos engrandece como seres humanos, em primeiro lugar, depois como pesquisadores, como formadores.

C.M – Então muitíssima obrigada, eu acho que foi uma entrevista super rica. Obrigada.

[FINAL DA ENTREVISTA]